

LOUVOR NO SALMO 8

Valmor da Silva

Este artigo nasceu há bastante tempo, num lugar distante. Foi, originalmente, um exercício de exegese para conclusão de um seminário, sob a orientação do professor Jean-Noël Aletti, no Pontifício Instituto Bíblico, em Roma, em 1982. Daquela sua infância, conserva as feições originais, como a atenção ao texto hebraico, o método de análise exegética e a bibliografia básica. Agora, passa por uma reforma, para resumir os argumentos, eliminar aspectos mais técnicos e atualizar alguns conteúdos. Enquadra-se muito bem na temática dos hinos, para uma demonstração de elementos típicos desse gênero.

De lá para cá, muitas novidades foram escritas sobre o Sl 8, das quais mencionamos algumas, relacionadas com a nossa realidade. Dellazari reflete sobre a situação humana e divina no hino¹. Duarte Castillo traz o salmo para o contexto eclesial latino-americano². Van Ek argumenta pela temática da libertação, como predominante no salmo³. Aizpurúa revisita a teologia do hino⁴, enquanto Souza o insere na defesa da criação⁵. Já Dreher o aplica à realidade pastoral⁶, Lane retoma a exegese⁷, e Correia Júnior o recoloca na esteira da interpretação latino-americana⁸.

O que se propõe, com este estudo, é a compreensão do hino em si mesmo, isto é, em sua articulação interna. Por isso, dá-se particular atenção aos elementos estruturantes da poesia, tais como inclusão, paralelismos e demais artifícios literários.

A finalidade, naturalmente, é permitir ao salmo falar mais, dizer tudo o que ele pode nos transmitir. Ao perceber, dessa maneira, a riqueza da poesia, é possível rezá-lo melhor, em forma de louvor.

1. DELLAZARI, Romano. Deus e o homem no Salmo 8. *Teocomunicação* 4 (1984) 411-415.
2. DUARTE CASTILLO, Raúl. La grandeza humana, razón de la gloria divina: Salmo 8. *Efemérides Mexicana*. México, 1989. v. 7, n. 19, p. 49-65.
3. VAN EK, Gerardo. O Salmo 8 – Criação ou libertação? *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* 9 (1991/2) 19-25.
4. AIZPURÚA, Fidel. Señorío de Dios, grandeza del hombre. *Orientación Bíblica*. Santo Domingo, 1994, v. 8, n.47, p. 9-11.
5. SOUZA, Marcelo de Barros. A terra e os céus se casam no louvor. Os salmos e a ecologia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1995, n. 21, p. 50-62.
6. DREHER, Martin N. O que é o ser humano? *Por trás da Palavra*. São Leopoldo, 1995, n.90, p. 31-37.
7. LANE, William Lacy. Quem é o homem? Um estudo exegético do Salmo 8. *Revista Teológica*. Campinas, 1997. v. 58, n. 45, p. 7-19.
8. CORREIA JÚNIOR, João Luiz. Salmo 8: um poema de louvor a Deus, pelo cosmos e pela humanidade. KAEFER, José Ademar e JARSCHER, Haidi (organizadores). *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel – Uma homenagem a Milton Schwantes*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 183-203.

1. Tradução literal

O estudo inicia-se com a tradução literal do salmo, para aproximá-lo o máximo possível do sentido original hebraico. A tradução é intencionalmente servil, palavra por palavra, de tal modo que nem sempre soa de maneira agradável, em português, mas permite saborear algumas características da língua original.

¹De Manassés, sobre a guitit, salmo, de Davi.

²Yhwh, Senhor nosso,
quanto grandioso o teu nome
em toda a terra!

Que dás tua majestade sobre os céus.

³Da boca das crianças e bebês
fundaste força,
a fim de teus adversários,
para parar inimigo e vingador.

⁴Pois vejo os teus céus, obras dos teus dedos,
lua e estrelas que fixaste,

⁵quanto ser humano pois recordas a ele,
e filho de Adam pois o visitas?

⁶E deixaste faltar a ele pouco de deuses,
e glória e honra coroaste a ele.

⁷Fizeste dominar a ele nas obras das tuas mãos
tudo colocaste sob os pés dele.

⁸Ovelhas e bois todos eles,
e também as feras do campo;

⁹as aves dos céus e os peixes do mar
atravessando as sendas dos mares.

¹⁰Yhwh, Senhor nosso,
quanto grandioso o teu nome
em toda a terra!

2. Hino ao Senhor

O Sl 8 é classificado como hino de louvor. Diferente da súplica, em que predomina o “eu” que pede para si, no louvor quem se destaca é o “tu” ao qual a louvação se dirige. Nesse salmo, é marcante o movimento em direção ao “tu” divino, como demonstra o uso dos pronomes pessoais, possessivos e, enfim, pronomes sufixos. O salmista canta o nome de Yhwh, e o expressa com uma predominância de pronomes

de segunda pessoa singular, tu (*ka*). Segue, em esquema, o jogo dos pronomes possessivos, em itálico, e pessoais, entre parêntesis.

2a Senhor *nosso teu* nome

2b *(tu)* dás

tua majestade

3a *(tu)* fundaste

3b *teus* adversários

4a *(eu)* vejo

teus céus

teus dedos

4b *(tu)* fixaste

5a *(tu)* recordas a ele

5b *(tu)* visitas a ele

6a *(tu)* deixaste faltar a ele

6b *(tu)* coroaste a ele

7a *(tu)* fizeste dominar a ele

tuas mãos

7b *(tu)* colocaste pés dele

10 Senhor *nosso teu* nome

Salta à vista, no esquema, a predominância de *teu* e *tu*. Sete vezes é pronome possessivo de Deus, como se vê na segunda coluna. Nove vezes é pronome pessoal, sujeito de uma ação divina, como aparece na terceira coluna. Dos nove verbos, os três primeiros são ações de Deus, como manifestações de seu próprio poder; os seis seguintes são todos ações de Deus em favor do ser humano, como se lê na última coluna.

3. Um abraço inclusivo

A mesma frase, repetida palavra por palavra, abre e fecha o salmo, como um refrão que abraça o corpo do mesmo, formando uma bela inclusão. “Yhwh, Senhor nosso, quanto grandioso o teu nome em toda a terra!” (v. 2a e v. 10).

Esta inclusão põe em relevo a unidade estilística da obra, visto que enquadra todo o seu conteúdo. Além disso, a mesma frase serve de introdução e de conclusão ao salmo, restando, no miolo, o corpo do mesmo.

Estrutura formal semelhante apresentam os Sl 103; 104 e 118. Afora estes, como elemento inclusivo de todo um salmo, encontramos somente o “Aleluia” dos Sl 106; 135 e dos cinco últimos do saltério. Os dois primeiros (Sl 103; 104) são de gênero hínico, irmãos do nosso Sl 8, e gêmeos entre si, pela repetição da mesma frase inclusiva. O

terceiro, (Sl 118), faz parte de uma ação de graças. Três inclusões semelhantes, portanto, só encontramos em louvor e ação de graças, não em súplicas ou lamentações. Este fato, tão sugestivo, levaria a que conclusões?

A frase exclamativa tem a função de alertar, despertar ânimos, apelar a Deus, à pessoa que ora e à própria que compõe o salmo. Marcada pela alegria e estupefação, abre-se num alterocentrismo que envolve Deus (*Yhwh, Senhor... teu nome*), o ser humano (*nosso*) e o universo (*toda a terra*). Abrange, portanto, aquilo que a filosofia chama de cosmovisão, ou seja, visão de divindade, humanidade e universo.

A inclusão está em plural (*nosso*), enquanto o corpo do salmo está no singular. O fato é significativo pois, a pessoa que ora, sente-se membro do povo de Israel, com quem faz coro na mesma fé.

Este fato tem sido motivo para supor que a composição do refrão seja posterior ao corpo do salmo, conforme discussão em Van Ek⁹. Enquanto para alguns autores “parece refrão de origem litúrgica”¹⁰, para outros, esta é “uma teoria a verificar-se”¹¹. O presente estudo considera as conexões entre o refrão e o corpo do salmo, analisa sua unidade e aceita a composição unitária do hino, num único momento.

A conexão com a história se dá também pela menção ao nome divino *Yhwh*, revelado a Moisés. Mas a menção a “toda a terra” alude ao conteúdo do salmo, dominado por vocábulos da natureza. A frase inclusiva, efetivamente, abraça e sintetiza o conteúdo do hino em sua totalidade.

Os contatos literários entre o refrão e o corpo do salmo se dão pelo logograma *mah* (quanto, v. 2a.5a.10a), pelo sufixo *-ka* (tu, sete vezes assinalado), pelos contatos lexicográficos entre *'adir* (grandioso, v. 2a) e as demais qualidades de Deus no corpo do salmo, e dos contatos entre *'éretz* (v. 2a) e as realidades terrestres dos v. 8 e 9.

4. Joias poéticas

Além da inclusão do início e final, o Sl 8 pode ser considerado uma obra prima de composição hínica, onde cada palavra e cada expressão ocupam um lugar preciso no todo do poema. Destacamos, a seguir, alguns recursos literários que estruturam e dão beleza ao salmo, além de demonstrar o gênero literário do hino de louvor.

4.1. Três nomes de Deus

Além dos nomes divinos *Yhwh* e *'adonênu*, e da referência ao próprio nome (*shem*) de Deus, que encabeçam a primeira e a última frase do salmo (v. 2a e 10), temos na metade o outro nome de Deus, *'elohîm* (v. 6a). Já observamos o uso dos pronomes referentes a Deus, em número de sete, e de três mais seis. Agora, os nomes divinos são

9. VAN EK, *op. cit.*, p. 20-21.

10. REALI, Venanzio. “O criador, o homem e o universo: Sl 8”. BALLARINI, Teodorico (direção). *Introdução à Bíblia*. III. Os livros poéticos. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 106.

11. ANDERSON, A.A. *The Book of Psalms*. I. London, 1972, p. 100.

três. Certamente não se pode intuir aqui nenhuma alusão à trindade mas, o uso dos três nomes é sugestivo.

Yhwh é o Deus de Israel e, portanto, estabelece a conexão com a história, em toda a tradição do povo de Deus, e com a natureza, cantada num hino que exalta a criação. “Senhor nosso” afirma o senhorio absoluto de Deus, além do aspecto comunitário, que recorda a forma da aliança “eu serei o *vosso* Deus e vós sereis o *meu* povo”. A mesma relação entre senhor e servo se faz notar nos v. 6 e 7, onde o ser humano exerce o senhorio, em relação a Deus *'elohîm*. “Teu nome” evoca o próprio nome divino, impronunciável e, nesse nome, o próprio mistério de Deus, visto que “o nome, no Antigo Testamento, é a essência da própria personalidade”¹². Referido a Deus, nesse caso, significa renome, glória, fama. O nome divino existe na natureza “como uma força e uma potência reveladora”¹³.

4.2. Exclamação e interrogação “quanto”

Outro elemento de contato entre o refrão e o corpo do salmo é o termo quanto (*mah*) que, além do início (v. 2a) e do final (v. 10a) divide-o ao meio (v. 5a). Em hebraico, assim como em português, “que”, “quanto” funciona como exclamação e como interrogação. No início e no final, o termo dá o tom admirativo que perpassa todo o salmo. No meio, abre a interrogação central “o que é um ser humano?”

4.3. Quatro atributos

Há quatro qualidades no salmo, aos pares: grandioso (*'adir*, v. 2a e 10a) e majestade (*hôd*, v. 2b), glória (*kabôd*) e honra (*hadar*, v. 6b). As quatro, em si, são atributos divinos, mas aqui os dois segundos são conferidos por Deus ao ser humano. O sujeito do atributo “grandioso” é o nome de Deus, o de “majestade” é o mesmo *tu* divino. Glória e honra são objeto da coroação divina sobre o ser humano.

4.4. Terra e céu

Na frase do refrão salta-se, numa rápida gradação progressiva e alternada, de “Yhwh, Senhor nosso”, para “teu nome em toda a terra”. A primeira gradação se dá ao ampliar Yhwh para “teu nome”; a segunda, mais ampla, de “nosso” para “toda a terra”.

A expressão “toda a terra” estabelece uma primeira relação com “nosso”, portanto com a terra e o povo de Israel. Mas estabelece também outra relação com “os céus”, formando com este um merismo, isto é, a simples citação de dois extremos para abranger a totalidade.

12. ABBA, R. Nome. *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. III. Nashville-New York, 1962. p. 501.

13. MATTIOLI, Anselmo. “La superiorità dell'uomo su tutte le cose visibili (Gen 1,28 e Sl 8)”. A cura di B. MARIANI. *La dignità dell'uomo alla luce della S. Scrittura*. Roma, 1979. p. 93.

Entre a terra e o céu há estreita relação, na visão do salmista. Se “em toda a terra” ele via o nome de Deus; “sobre os céus” é a majestade de Deus que ele vê agora¹⁴. Em esquema, destaca-se o paralelismo:

Teu nome.....em toda a terra
Tua majestade.....sobre os céus

No contraste entre os extremos terra e céu, o sentido de terra se alarga e insinua a totalidade do universo, o cosmo ou o mundo, embora seja o ponto de partida do salmista. No final (v. 7-9) o salmista procura elencar essa totalidade do universo criada por Deus. O nome do Deus de Israel, portanto, ganha dimensão universalista, porque o hino designa toda a realidade criada. O salmista procura abranger o máximo possível da realidade, e o faz com maestria. “Em dois olhares sucessivos, subindo de baixo para cima, abraçou todo o universo: terra e céu, o único modo à disposição do poeta para exprimir o conceito”¹⁵.

Os três usos da palavra “céus” apresentam também uma gradação descendente. A primeira menção “sobre os céus” (v. 2b) indica a extrema altura dos céus. A segunda menção “teus céus, obras dos teus dedos, lua e estrelas que fixaste” (v. 5) refere-se ao céu intermediário, onde se localizam os astros celestes. Já a terceira menção refere-se ao céu mais próximo, onde voam “as aves dos céus” (v. 9a).

4.5. Crianças contra adversários

Do louvor cantado nos céus, o hino desce, no v. 3, para a dimensão terrestre, na situação humana de crianças e bebês contra adversários, inimigo e vingador.

O verso prima pela cantabilidade em seus “efeitos sonoros refinados”¹⁶.

Além disso, há um acúmulo de palavras, quase sinonímicas, uma insistência repetitiva, valorizando a importância da frase. As crianças são definidas com dois termos parecidos *’ôl’lîm* e *yon’qîm*, enquanto, para descrever a oposição empregam-se três vocábulos com sentido aparentado *tsôr’rîm*, *ôyeb* e *mit’naqqem*. Trata-se de clara oposição, no mundo dos humanos, intermediada pela ação divina.

Num paralelismo antitético teríamos, aqui, o primeiro grupo em contraposição ao segundo, formando a antítese e, no meio, a fortaleza de Deus, assegurando o termo médio do paralelismo. O contraste é propositalmente acentuado entre bebês e vingadores, pois faz parte desta lógica em que Deus manifesta a sua força justamente na ternura.

O contexto é de oposição entre crianças e adversários. No meio, Deus funda uma força, ou seja, uma fortaleza para barrar o inimigo. Van Ek contou seis vezes no Antigo

14. GONZÁLEZ, Ángel. *El libro de los salmos*. Barcelona, 1977. p. 74.

15. CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei salmi*. Torino-Roma, 1955. p. 447.

16. ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Treinta salmos: poesía y oración*. Madrid, 1981. p. 70.

Testamento o uso de *’ól’lîm* e *yon’qîm* juntos (1Sm 15,3; 22,19; Jr 44,7; Lm 2,11; 4,4 e Sl 8,3) e conclui:

Destes versículos citados, que são os únicos que falam de crianças e lactentes, podemos tirar duas conclusões. Em geral são textos com traços claramente poéticos e sempre utilizam a expressão crianças e lactentes no contexto de dor, sofrimento, violência, guerra e destruição. O que sai da boca das crianças não tem nada a ver com louvor, pelo contrário, é um clamor pelo sofrimento¹⁷.

O autor argumenta que não se trata de louvor romântico, mas de “clamor de pequeninos nos braços das mães no meio da violência”. Por estes e outros argumentos, o autor conclui, do conjunto, que estamos diante de um salmo de libertação, mais que propriamente de criação. Mas, por que a libertação excluiria a criação?

Vale observar ainda que, noutra bela inclusão, essa luta entre crianças e vingadores situa-se, literariamente, entre “tua majestade sobre os céus” (v. 2b) e “os teus céus, obras dos teus dedos” (v. 4a). Sem passar por alto o fato que também os adversários são *teus*, isto é, de Deus.

4.6. *Entre os dedos e as mãos de Deus*

Noutra inclusão maravilhosa, o agir de Deus em favor do ser humano está encaixado entre as obras dos dedos (v. 4a) e as das mãos (v. 7a) de Deus, uma afirmação retratada também através da expressão literária.

A ação dos dedos de Deus arranjando o “artístico cinzel do gracioso reticulado das estrelas”¹⁸ lembra um delicado trabalho de ourivesaria. Mas, se por um lado a abóbada celeste é obra delicada dos dedos de Deus, por outro ela está absolutamente segura, pois Deus as “fixou”. É de rara beleza o contraste que autor deixa escapar, no paralelismo entre dedos divinos e ação de fixar.

Este olhar de admiração voltado para a contemplação de uma noite estrelada se exprime pela tríplice repetição do mesmo pensamento, num paralelo entre “teus céus”, “obras dos teus dedos” e “lua e estrelas” (v. 4).

Em ambas as menções, repete-se a palavra obras (*ma’sey*), para dizer que o ser humano está entre as obras dos dedos e as obras das mãos de Deus. Seria possível estar entre os próprios dedos e mãos divinas?

Vale ainda observar, no v. 7, a relação entre as mãos e pés. Das mãos de Deus, as obras passam para debaixo dos pés do ser humano.

4.7. *O ser humano*

Entra a individualidade, única referência ao “eu” em todo o salmo, no “(eu) vejo” do v. 4. É a entrada em cena, de maneira explícita, do autor do hino.

17. VAN EK, *op. cit.*, p. 23.

18. WOLFF, Hans Walter. *Antropologia dell’Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 1975, p. 96.

A referência nominal ao ser humano, entretanto, é dupla, no paralelismo do v. 5.

*Quanto ser humano pois recordas a ele,
E filho de Adam pois o visitas!*

O primeiro é o ser humano (*'enosh*) em sua fragilidade, e o segundo é o filho de Adam (*ben-'adam*), nome genérico para a humanidade. Filho de Adam, em si, poderia também ser nome próprio, pois Adam tanto é “terra” quanto “Adão”.

Mas atenção! Essa pessoa ínfima, é objeto da memória de Deus que se recorda dele e o visita, isto é, lhe confere atenção total, conforme expressa o paralelismo da frase.

Graficamente, o ser humano do v. 5 pode ser visualizado como o centro de todo o salmo. O centro, mais precisamente, seria a pergunta pela pessoa humana. Mais ainda! O centro absoluto do salmo poderia estar no silêncio que precede a pergunta. Após a frase condicional do v. 4 que formava a prótase, “em vez da apódoze *eu exclamo*, a qual nós esperaríamos, é a exclamação mesma que segue”¹⁹. É natural a incapacidade das gramáticas, ante os finos fenômenos do estilo, pois a ausência deste *eu exclamo* constitui-se aqui no “centro de gravidade do Salmo”²⁰. É o silêncio de quem, após olhar o todo ao seu redor, entra em si, reflete, e interroga “que é o ser humano?”

Olhando daqui para trás, até o início do salmo, a resposta é que o ser humano é nada, diante da majestade de Deus. Mas olhando daqui para frente, diante da ação divina em seu favor, o ser humano é tudo. Por isso, a interrogação central, enquanto se constitui num momento crítico de dúvida, constitui-se, ao mesmo tempo, na chave para a resposta. O ser humano é nada perante a majestade de Deus, mas é tudo sobre o universo; é nada pelas suas forças, mas é tudo pela ação divina.

Graficamente poderia ser traçado um esquema no qual o ser humano ocupa o centro, acima dele está a grandiosidade do universo celeste e abaixo dele todos os seres animados.

4.8. *Um rito de investidura*

Seguem-se dois versículos paralelos entre si e, ao interno de si mesmos, cada qual se desdobra em outros dois paralelismos sinonímicos (v. 6 e 7). Cada repetição realça a ação de Deus sobre o ser humano. Ademais “os quatro verbos são como o cerimonial de um rito de investidura”²¹. De fato, Deus faz o ser humano quase deus, o coroa, faz dominar sobre a obra de suas mãos e tudo coloca sob os pés dele.

Realçando o poder que Deus confere ao ser humano, encontramos aqui dois finos exemplos de encaixe, em ambos os versos paralelos. No primeiro, “deixaste faltar *a ele* pouco de deuses, e glória e honra coroaste *a ele*” (v. 6). O objeto das duas ações divinas é o ser humano, o qual, na frase, encaixa tudo, seja Deus, seja glória e honra.

19. *GESENIUS' Hebrew Grammar*. KAUTZSCH, E. (Editor). Oxford: Clarendon, 1980, par. 159dd.

20. REALI, *op. cit.*, p. 107.

21. ALONSO SCHÖKEL, *op. cit.*, p. 73.

No segundo, “fizeste dominar *a ele* nas obras das tuas mãos, tudo colocaste sob os pés *dele*” (v. 7). De novo, o objeto das duas ações divinas é a criatura humana, a qual agora encaixa a obra das mãos de Deus e o todo da criação.

4.9. *A natureza toda*

A criação merece amplo espaço no decurso do salmo, numa tentativa de exaurir a descrição, nos limites do espaço literário (v. 8 e 9).

Observe-se, novamente, o paralelismo literário entre todas as frases.

O elenco segue a ordem normal, a começar pelo rebanho miúdo e pelo graúdo, que constituem os animais domésticos. Segue com os animais selvagens e termina com as aves do céu e os peixes do mar. Aos peixes, é dedicada maior atenção.

A visão do universo é a tradicional cosmovisão tripartida, que vê a terra no meio, o céu acima e as águas abaixo. Por sua vez, “os animais se repartem em dupla divisão: primeiro, domésticos e selvagens, gado e feras; segundo, conforme a zona ou elemento, terra, ar, água (logicamente falta o fogo)”²².

5. O movimento espacial

É notável, na composição de todo o salmo, um movimento espacial para cima e para baixo, numa espécie de contínuo ziguezague.

Dado que o céu é visto como a morada divina, o salmo começa no alto, com o nome de Deus, e logo desce para sobre a terra (v. 2a). Retorna à majestade sobre os céus (v. 2b) e desce para as crianças e adversários (v. 3). Levanta de novo os olhos aos céus da lua e das estrelas (v. 4) para descer mais uma vez ao ser humano e ao filho de Adam, numa atitude reflexiva de pergunta (v. 5). De novo, a resposta se erguerá para Deus, tendo *'elohim* como termo de comparação (v. 6), para voltar, num movimento descendente, à realidade terrestre debaixo de seus pés (v. 7). Permite-se ainda um subir e descer com o olhar para as aves do céu e para os peixes do mar (v. 9). Conclui-se, observada a inclusão, com mais um olhar para Deus e para a terra (v. 10).

Referências

ABBA, R. Nome. *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. III. Nashville-New York, 1962, p. 500-8.

AIZPURÚA, Fidel. Señorío de Dios, grandeza del hombre. *Orientación Bíblica*. Santo Domingo, 1994, v. 8, n.47, p. 9-11.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 2004.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Treinta salmos: poesía y oración*. Madrid, 1981, p. 63-77.

22. ALONSO SCHÖKEL, *op. cit.*, p. 71-72.

- ANDERSON, A.A. *The Book of Psalms*. I. London, 1972, p.100-104 (New Century Bible).
- BEAUCHAMP, Paul. *Psaumes nuit et jour*. Paris, 1980, p. 157-161.
- CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei salmi*. Torino-Roma, 1955. p. 446-449.
- CAZELLES, Henri. “Note sur le psaume 8”. *Parole de Dieu et sacerdoce*. Hommage à J.J. WEBER. Paris, 1962, p. 79-91.
- CHILDS, Brevard S. “Psalm 8 in the context of the christian canon”. *Interpretation* 23 (1969) 20-31.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. Salmo 8: um poema de louvor a Deus, pelo cosmos e pela humanidade. KAEFER, José Ademar e JARSCHHEL, Haidi (organizadores). *Dimensões sociais da fé do Antigo Israel – Uma homenagem a Milton Schwantes*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 183-203.
- COUGHLAN, Patrick. “Praising God in the psalms”. *Clergy Review* 63 (1978) 341-344; II, 369-375; III, 465-472; IV, 64 (1979) 93-96.
- DAHOOD, Mitchell. *Psalms*. I. New York, 1966, p. 48-52. (The Anchor Bible).
- DELLAZARI, Romano. Deus e o homem no Salmo 8. *Teocomunicação* 4 (1984) 411-415.
- DREHER, Martin N. O que é o ser humano? *Por trás da Palavra*. São Leopoldo, 1995, n.90, p. 31-37.
- DUARTE CASTILLO, Raúl. La grandeza humana, razón de la gloria divina: Salmo 8. *Efemérides Mexicana*. México, 1989, v. 7, n. 19, p. 49-65.
- ELLIGER, K. e RUDOLPH, W. (Editores). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1967s.
- GESENIUS' Hebrew Grammar*. KAUTZSCH, E. (Editor). Oxford: Clarendon, 1980.
- GONZÁLEZ, Ángel. *El libro de los salmos*. Barcelona, 1977, p. 74-77.
- JACQUET, Louis. *Les psaumes et le coeur de l'homme*. I. Gembloux, 1975, p. 300-330.
- KIRST, Nelson; KILPP, Nelson; SCHWANTES, Milton; RAYMANN, Acir; ZIMMER, Rudi. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes: 1989.
- LANE, William Lacy. Quem é o homem? Um estudo exegético do Salmo 8. *Revista Teológica*. Campinas, 1997, v. 58, n. 45, p. 7-19.
- LOUIS, Conrad. *The theology of psalm VIII*. Washington, 1946.
- MANNATI, M. *Les psaumes*. I. Paris, 1966. p. 130-138.
- MATTIOLI, Anselmo. “La superiorità dell'uomo su tutte le cose visibili (Gen 1,28 e Sl 8)”. A cura di B. MARIANI. *La dignità dell'uomo alla luce della S. Scrittura*. Roma, 1979, p. 87-98.
- PICCA, Juan. “L'uomo, capolavoro di Dio. Lettura attualizzante del salmo 8”. A cura di G. ZEVINI. *Incontro con la Bibbia*. Roma, 1978, p. 71-84.
- REALI, Venanzio. “O criador, o homem e o universo: Sl 8”. BALLARINI, Teodorico (di-
reção). *Introdução à Bíblia*. III. Os livros poéticos. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 104-108.

- RINALDI, Giovanni. “Il mondo per l’uomo nei salmi”. *Bibbia e Oriente* 16 (1974) 163-176.
- RINALDI, Giovanni. “Lo facesti poco meno che Dio (Sl 8,6)”. *Bibbia e Oriente* 128 (1981) 97-99.
- SFAIR, Petrus. “De genuina lectione Ps. 8,2”. *Biblica* 23 (1942) 318-322.
- SILVA, Valmor da. *Louvor no Salmo 8*. Trabalho para o seminário “cum opere scripto”. Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1982, 31p. Inédito.
- SILVA, Valmor da. Os salmos como literatura. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 2003, n. 45, p. 9-23.
- SOGGIN, J. Alberto. “Salmo 8,3: Osservazioni filologico-exegetiche”. *Biblica* 47 (1966) 420-424.
- SOUZA, Marcelo de Barros. A terra e os céus se casam no louvor. Os salmos e a ecologia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1995, n. 21, p. 50-62.
- TANNER, Mary. “Psalm 8,1-2”. *Theology* 69 (1966) 492-496.
- TOURNAY, R. “Le psaume VIII et la doctrine biblique du nom”. *Revue Biblique* 78 (1971) 18-30.
- VAN EK, Gerardo. O Salmo 8 – Criação ou libertação? *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* 9 (1991/2) 19-25.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia dell’Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 1975.
- WESTERMANN, Claus. *Praise and Lament in the Psalms*. Clark: Edinburgh, 1981.
- ZORELL, Franciscus. *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti*. Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1968.